

Biblioteca Anarquista



Ciúme: Causas e Uma Possível Cura

Emma Goldman

Emma Goldman
Ciúme: Causas e Uma Possível Cura

theanarchistlibrary.org

Título original "Jealousy: Causes and a Possible Cure". De Emma Goldman. Traduzido por Paulo Bagre. Dos papéis, manuscritos e divisão de arquivos, de Emma Goldman; a Biblioteca Pública de Nova Iorque; as fundações Astor, Lenox e Tilden.

bibliotecaanarquista.org

Ninguém capaz de uma intensa vida íntima consciente, precisa ter a esperança de escapar da angústia e do sofrimento mental. A tristeza e, muitas vezes, o desespero pela chamada adequação eterna das coisas, são os companheiros mais persistentes da nossa vida. Mas, eles não vêm sobre nós de fora, através das más ações de pessoas particularmente más. Eles estão condicionados em nosso próprio ser; na verdade, eles estão entrelaçados através de mil fios delicados e ásperos com a nossa existência.

É absolutamente necessário que notemos este fato, pois as pessoas que nunca se afastam da noção de que o seu infortúnio se deve à maldade dos seus semelhantes, nunca poderão superar o ódio mesquinho e a malícia que constantemente culpam, condenam e perseguem os outros por algo que é inevitável como parte de si mesmos. Essas pessoas não ascenderão às alturas do verdadeiro humanitário, para quem o bem e o mal; o moral e o imoral; são apenas termos limitados para o jogo interno das emoções humanas no mar humano da vida.

O filósofo do "Além do Bem e do Mal", Nietzsche, é atualmente denunciado como autor do ódio nacional e da destruição por metralhadoras; mas, apenas maus leitores e maus alunos o interpretam assim. "Além do Bem e do Mal" significa além do processo, além do julgamento, além do assassinato, etc. "Além do Bem e do Mal" abre, diante de nossos olhos, um panorama cujo pano de fundo é a afirmação individual combinada com a compreensão de todos os outros que são diferentes de nós, que são diferentes.

Com isto, não me refiro à tentativa desajeitada, da democracia, de regular as complexidades do carácter humano, através da igualdade externa. A visão de "Além do Bem e do Mal" aponta para o direito a si mesmo, à própria personalidade. Tais possibilidades não excluem a dor causada pelo caos da vida, mas excluem a retidão puritana que julga todos os outros, exceto nós mesmos.

É evidente que o completo radical – há muitos incompletos, você sabe – deve aplicar esse reconhecimento profundo e humano à relação sexual e amorosa. As emoções sexuais e o amor estão entre as expressões mais íntimas, mais intensas e sensíveis do nosso ser. Eles estão tão profundamente relacionados com características individuais, físicas e psíquicas, que tornam cada caso de amor um caso independente, diferente de qualquer outro caso de amor. Em outras palavras: Cada amor é resultado das impressões e características que as duas pessoas envolvidas lhe conferem. Toda relação amorosa deveria, por sua própria natureza, permanecer um

injusto apenas fortalece ambos, enquanto o homem, a chamada coroa de toda a criação, dotado da capacidade de pensar e ver e, acima de tudo, de empregar os seus poderes de iniciativa, fica cada vez mais fraco; mais passivo; mais fatalista.

Não há nada mais terrível e fatal do que investigar os sinais vitais dos entes queridos e de si mesmo. Só pode ajudar a romper quaisquer tênues fios de afeto, ainda inerentes à relação, e, finalmente, levar-nos à última vala, que o ciúme tenta impedir, nomeadamente, a aniquilação do amor, da amizade e do respeito.

O ciúme é, de fato, um meio pobre para garantir o amor, mas é um meio seguro para destruir o respeito próprio. Pois as pessoas invejosas, como os viciados em drogas, rebaixam-se ao nível mais baixo e, no final, inspiram apenas nojo e aversão.

A angústia pela perda do amor ou de um amor não correspondido, entre pessoas que são capazes de pensamentos elevados e finos, nunca tornará uma pessoa grosseira. Aqueles que são sensíveis e bons só precisam perguntar a si mesmos se podem tolerar qualquer relação obrigatória, e um enfático "Não" seria a resposta. Mas, a maioria das pessoas continua a viver próximas umas das outras, embora já tenham deixado de viver juntas há muito tempo – uma vida, suficientemente, fértil para a operação do ciúme, cujos métodos vão desde a abertura de correspondência privada até ao assassinato. Comparado com tais horrores, o adultério aberto parece um ato de coragem e libertação.

Um forte escudo contra a vulgaridade do ciúme é que, marido e mulher não são um só corpo e um só espírito. São dois seres humanos, de temperamentos, sentimentos e emoções diferentes. Cada um é um pequeno cosmos em si mesmo, absorto em seus próprios pensamentos e ideias. É glorioso e poético se estes dois mundos se encontrarem em liberdade e igualdade. Mesmo que dure pouco tempo, já vale a pena. Mas, no momento em que os dois mundos são forçados a se unir, toda a beleza e fragrância cessam e nada resta além de folhas mortas. Quem compreender este truísmo, considerará o ciúme abaixo dele e não permitirá que ele paire sobre ele como uma espada de Dâmoqueles.

Todos os amantes fazem bem em deixar as portas do seu amor bem abertas. Quando o amor pode ir e vir, sem medo de encontrar um cão de guarda, o ciúme raramente criará raízes, porque logo aprenderá que, onde não há fechaduras e chaves, não há lugar para suspeita e desconfiança, dois elementos sobre os quais o ciúme floresce e prospera.

amor, mais violento e desprezível é o seu ciúme. Duas pessoas ligadas pela harmonia interior e pela unidade, não têm medo de prejudicar a sua confiança e segurança mútuas, se uma ou outra tiver atrações externas, nem as suas relações terminarão em inimizade vil, como é muitas vezes o caso com muitas pessoas. Muitos deles não podem, nem se espera que possam, receber a escolha do ente querido na intimidade de suas vidas, mas isso não dá, a nenhum dos dois, o direito de negar a necessidade da atração.

Como discutirei variedade e monogamia, daqui a duas semanas, não vou me alongar sobre nenhum deles aqui, exceto para dizer que: Considerar pessoas que podem amar mais de uma pessoa como perversas ou anormais, é ser realmente muito ignorante. Já discuti uma série de causas do ciúme, às quais devo acrescentar a instituição do casamento, que o Estado e a Igreja proclamam como “o vínculo até que a morte os separe”. Isto é aceito como o modo ético de viver e agir corretamente.

Com o amor, em toda a sua variabilidade e mutabilidade, agrilhoado e limitado, não é de admirar que o ciúme surja dele. O que mais; além de mesquinhez, maldade, suspeita e rancor; pode surgir quando um homem e uma mulher são oficialmente mantidos juntos com a fórmula “de agora em diante, vocês são um em corpo e espírito”. Basta considerar qualquer casal unido dessa maneira, dependente um do outro, para todos os pensamentos e sentimentos, sem interesse ou desejo externo, e se questionar, a respeito, se tal relação não deve tornar-se odiosa e insuportável com o tempo.

De uma forma ou de outra, os grilhões são quebrados, e como as circunstâncias que provocam isso são, geralmente, baixas e degradantes, não é surpreendente que ponham em jogo os mais mesquinhos traços e motivos humanos.

Por outras palavras, a interferência legal, religiosa e moral, são os pais das nossas, não-naturais, vidas amorosa e sexual atuais, e a partir daí cresceu o ciúme. É o chicote que açoita e tortura os pobres mortais, por causa de sua estupidez, ignorância e preconceito.

Porém, ninguém precisa tentar se justificar, alegando ser vítima destas condições. É verdade que todos nós sofremos sob o fardo de arranjos sociais iníquos, sob coerção e cegueira moral. Mas, não somos indivíduos conscientes, cujo objetivo é trazer a verdade e a justiça aos assuntos humanos? A teoria de que o homem é um produto de condições levou apenas à indiferença e à uma lenta aquiescência nessas condições. No entanto, todos sabemos que a adaptação a um modo de vida pouco saudável e

assunto absolutamente privado. Nem o Estado, a Igreja, a moralidade, ou o povo, deveriam interferir nisso.

Infelizmente, esse não é o caso. A relação mais íntima está sujeita a proscricões, regulamentos e coerções, mas estes fatores externos são absolutamente estranhos ao amor e, como tal, conduzem a contradições e conflitos eternos entre o amor e a lei.

O resultado disso é que nossa vida amorosa é fundida na corrupção e degradação. O “amor puro”, tão aclamado pelos poetas, é, nas atuais disputas matrimoniais, de divórcio e de alienação, um espécime realmente raro. Tendo o dinheiro, a posição social e a posição como critérios para o amor, a prostituição é bastante inevitável, mesmo que seja coberta com o manto da legitimidade e da moralidade.

O mal mais prevalente da nossa, mutilada, vida amorosa é o ciúme, muitas vezes descrito como o “monstro de olhos verdes” que mente, engana, trai e mata. A noção popular é que o ciúme é inato e, portanto, nunca pode ser erradicado do coração humano. Esta ideia é uma desculpa conveniente para aqueles que não têm capacidade e vontade de investigar a causa e o efeito.

A angústia por um amor perdido, pelo fio rompido da continuidade do amor, de fato, é inerente ao nosso próprio ser. A tristeza emocional inspirou muitas letras sublimes, muitos insights profundos e exultação poética de Byron, Shelley, Heine, e seus semelhantes. Mas, será que alguém vai comparar essa dor com o que comumente é considerado ciúme? Eles são tão diferentes quanto a sabedoria e a estupidez. Como refinamento e grosseria. Como dignidade e coerção brutal. O ciúme é o oposto da compreensão, da simpatia e do sentimento generoso. Nunca o ciúme foi adicionado ao caráter, nunca tornou o indivíduo grande e bom. O que isso realmente faz é torná-lo cego de fúria, mesquinho de suspeita e severo de inveja.

O ciúme, cujas contorções vemos nas tragédias e comédias matrimoniais, é invariavelmente um acusador unilateral e preconceituoso, convencido de sua própria justiça e da maldade, crueldade e culpa de sua vítima. O ciúme nem sequer tenta compreender. Seu único desejo é punir, e punir tão severamente quanto possível. Essa noção está incorporada no código de honra, representado no duelo ou na lei não escrita. Um código que afirma que a sedução de uma mulher deve ser expiada com a morte do sedutor. Mesmo onde a sedução não ocorreu, onde ambos cederam vo-

luntariamente ao impulso mais íntimo, a honra só é restaurada quando o sangue for derramado, seja do homem ou da mulher.

O ciúme é obcecado pelo sentimento de posse e de vingança. Está perfeitamente de acordo com todas as outras leis punitivas nos estatutos que ainda aderem à noção bárbara de que uma ofensa; muitas vezes, meramente, o resultado de injustiças sociais; deve ser adequadamente punida ou vingada.

Um argumento muito forte contra o ciúme pode ser encontrado nos dados de historiadores, como Morgan, Reclus e outros, sobre as relações sexuais entre os povos primitivos. Qualquer pessoa familiarizada com as suas obras sabe que a monogamia é uma forma sexual muito posterior, que surgiu como resultado da domesticação e propriedade das mulheres, e que criou o monopólio sexual e o inevitável sentimento de ciúme.

No passado, quando homens e mulheres misturavam-se livremente sem interferência da lei e da moralidade, não poderia haver ciúme, porque este assenta na suposição de que um certo homem tem um monopólio sexual exclusivo sobre uma certa mulher e vice-versa. No momento em que alguém transgredir esse preceito sagrado, o ciúme toma conta. Sob tais circunstâncias, é ridículo dizer que o ciúme é perfeitamente natural. Na verdade, é o resultado artificial de uma causa artificial, nada mais.

Infelizmente, não são apenas os casamentos conservadores que estão saturados com a noção de monopólio sexual; os autodenominados sindicatos livres também são vítimas disso. Pode-se argumentar que esta é mais uma prova de que o ciúme é uma característica inata. Mas, devemos ter em mente que o monopólio sexual foi transmitido, de geração em geração, como um direito sagrado e a base da pureza da família e do lar. E, tal como a Igreja e o Estado, aceitaram o monopólio sexual como a única segurança para o vínculo matrimonial, ambos também justificaram o ciúme como a arma legítima de defesa para a protecção do direito de propriedade.

Agora, embora seja verdade que muitas pessoas superaram a legalidade do monopólio sexual, não superaram as suas tradições e hábitos. Portanto, eles ficam tão cegos pelo “monstro de olhos verdes”, como os seus vizinhos conservadores no momento em que os seus bens estão em jogo.

Um homem ou mulher livre, e grande o suficiente, para não interferir ou se preocupar com as atrações externas da pessoa amada, certamente, será desprezado por seus amigos conservadores e ridicularizado por seus

amigos radicais. Ele será considerado um degenerado ou um covarde; muitas vezes, alguns motivos materiais mesquinhos serão imputados a ele. Em qualquer caso, tais homens e mulheres serão alvo de fofocas grosseiras ou piadas obscenas pela única razão de concederem à esposa, ao marido ou aos amantes o direito aos seus próprios corpos e à sua expressão emocional, sem fazer cenas de ciúmes ou ameaças selvagens para matar o intruso.

Existem outros fatores no ciúme: A presunção do homem e a inveja da mulher. O homem, em questões sexuais, é um impostor; um fanfarrão; que sempre se vangloria de suas façanhas e sucesso com as mulheres. Ele insiste em fazer o papel de conquistador, pois lhe disseram que as mulheres querem ser conquistadas, que adoram ser seduzidas. Sentindo-se o único galo do curral, ou o touro que deve bater os chifres para conquistar a vaca, ele se sente mortalmente ferido em sua presunção e arrogância no momento em que um rival aparece em cena – a cena, mesmo entre os chamados homens refinados, continua a ser o amor sexual da mulher, que deve pertencer a um único senhor.

Em outras palavras: O monopólio sexual ameaçado, juntamente com a vaidade ultrajada do homem, em noventa e nove casos entre cem, são os antecedentes do ciúme.

No caso de uma mulher, o medo econômico, por si própria e pelos filhos, e a sua inveja mesquinha de todas as outras mulheres que ganham graça aos olhos dos seus apoiantes, invariavelmente, criam ciúme. Para fazer justiça às mulheres, diga-se que, durante séculos passados, a atração física era o seu único recurso no comércio, portanto, ela deve ficar com inveja do encanto e do valor de outras mulheres, que ameaçam o seu domínio sobre a sua preciosa propriedade.

O aspecto grotesco de toda a questão é que homens e mulheres, muitas vezes, ficam com ciúmes violentos daqueles com quem realmente não se importam muito. Portanto, não é o seu amor ultrajado, mas a sua vaidade e inveja ultrajadas que clamam contra este “terrível erro”. É provável que a mulher nunca tenha amado o homem de quem ela agora suspeita e espiona. Provavelmente, ela nunca fez um esforço para manter o amor dele. Mas, no momento em que chega um concorrente, ela começa a valorizar a sua propriedade sexual, para a defesa cuja nenhum meio é demasiado desprezível ou cruel.

Obviamente, então, ciúme não é o resultado do amor. De fato, se fosse possível investigar a maioria dos casos de ciúme, provavelmente se descobriria que, quanto menos as pessoas estão instigadas de um grande